

Entre o corte, a ruptura e o movimento: uma analogia para a epistemologia saussuriana

Allana Cristina Moreira Marques¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Cassilândia, MS, Brasil

Resumo: Este trabalho tem por objetivo problematizar a noção de *corte epistemológico* – e sua variante, *ruptura epistemológica* – na reflexão sobre os efeitos produzidos pelas ideias de Ferdinand de Saussure no campo da investigação linguística. Além disso, visa a discutir a produtividade da noção de *movimento*, como uma analogia alternativa às noções de *corte* e de *ruptura* para a epistemologia saussuriana. Para tanto, a partir de um levantamento bibliográfico, este estudo apresenta uma série de reflexões realizadas por Claudine Normand, especialista da fortuna saussuriana, em que a analogia do *corte* ou da *ruptura* é emprestada e abdicada. Em seguida, são apresentadas reflexões da pesquisadora brasileira Eliane Silveira, que lança mão da noção de *movimento*, a qual tem ganhado adeptos na literatura saussuriana. A partir disso, é possível argumentar em favor de um deslocamento da analogia do/da corte/ruptura em direção à analogia do movimento, a qual, de nosso ponto de vista, é mais representativa da epistemologia saussuriana.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Corte epistemológico; Ruptura epistemológica; Movimento epistemológico.

Title: Between the cut, the rupture, and the movement: an analogy to Saussurian epistemology

Abstract: This work aims to problematize the notions of *epistemological cut* – and its variant, *epistemological rupture* – in the reflection about the effects produced by Ferdinand de Saussure's ideas in the field of linguistic investigation. In addition, it aims to discuss the productivity of the notion of *movement*, as an alternative analogy to the notions of *cut* and *rupture* to Saussurian epistemology. To this end, based on a bibliographical survey, this study presents a series of reflections carried out by Claudine Normand, an expert on Saussurian fortune, in which the analogy of the *cut* or *rupture* is borrowed and abdicated. Then, we present the reflections of the Brazilian researcher Eliane Silveira, who makes use of the notion of *movement*, which has gained supporters in Saussurian literature. From this, it is possible to argue in favor of a displacement of the analogy of the cut/rupture towards that one of movement, which, from our point of view, is more representative of Saussurian epistemology.

Keywords: Ferdinand de Saussure; Epistemological cut; Epistemological rupture; Epistemological movement.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos (UFU) e professora temporária no Curso de Letras Inglês-Português da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7568-8346>. E-mail: lanacrismm@gmail.com.

Introdução

É pouco comum que o interesse pela Linguística saussuriana se apresente de modo desarticulado dos efeitos que ela promoveu no quadro de investigação das línguas e que, ainda hoje, não cessam de ser produzidos. Isso se deve ao fato de que é a partir dela que se instaura uma mudança radical, para nos valermos dos termos de Normand (2011), no campo dos estudos linguísticos, reconhecida como a fundação da Linguística moderna. Assim, mesmo aqueles que partiram e, ainda, comumente partem em busca de demonstrar os limites desse pensamento inaugural para a compreensão dos diferentes fenômenos linguísticos não podem negar as possibilidades advindas do gesto epistemológico saussuriano.

No marco de fundação da nova era da Linguística, a edição do *Curso de Linguística Geral* (CLG) tem papel central, uma vez que torna acessíveis ao grande público as ideias inéditas do mestre genebrino. Trata-se, bem como se sabe, de uma obra póstuma organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de poucas notas manuscritas de Saussure e de anotações de seus alunos, participantes de três cursos ministrados pelo linguista na Universidade de Genebra.

Embora publicada em 1916, pela editora Payot, em Paris, sua novidade só é lida mais tarde, segundo historiadores da Linguística, dentre eles Normand (2009 [2000]). É entre os anos 1960 e 1970, com o advento do Estruturalismo, que o CLG parece, então, surtir mais fortes efeitos, dando luz a um modo radical de pensar a Linguística e seu objeto. É a radicalidade desse pensamento que faz a leitura do CLG ainda ser, muitas vezes, a porta de entrada para aqueles que se iniciam na ciência linguística.

Nos últimos anos, a descoberta de numerosas fontes manuscritas em 1955, 1958, 1967, 1996 e, muito recentemente, em 2019, tem movimentado de diversas maneiras o cenário de investigação da produção teórica de Saussure e trazido novos desafios para aqueles que se interessam pela fortuna saussuriana. Por um lado, tal descoberta despertou a controversa da edição, inaugurada pelo trabalho de Robert Godel (1957), *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*, e a busca pelo pensamento original do mestre suíço. Por outro lado, tal descoberta parece ter reforçado a radicalidade do pensamento saussuriano, já lida nas páginas do CLG, e renovado os interesses pela teoria linguística de Saussure, bem como pelas formas com que essa teoria produziu efeitos tão significativos na Linguística.

Pensar tais efeitos, seja pela via do CLG seja pela via das fontes manuscritas de Saussure, a nosso ver, ainda está na ordem do dia. É com esse intuito que apresentamos este trabalho, que tem como primeiro objetivo problematizar as noções de *corte epistemológico* e sua variante, *ruptura epistemológica*, na reflexão sobre os efeitos produzidos pelas ideias saussurianas no quadro de investigação das línguas. Tais noções foram utilizadas, ao longo de mais de quatro décadas de investigação, por Normand (1970, 1980, 1995, 2000, 2011) para tratar da radicalidade do pensamento saussuriano e de seus desdobramentos na Linguística.

Em consonância com o que faz a autora, é comum que se observe, na literatura especializada acerca da produção de Saussure, em particular, e nos estudos linguísticos, de

modo geral, o uso das noções de *corte* e de *ruptura* como analogia² relativa ao exercício de teorização do linguista genebrino. Tal uso – observado, por exemplo, nas conhecidas expressões *corte epistemológico saussuriano*, *ruptura epistemológica saussuriana* ou, simplesmente, *corte saussuriano* e *ruptura saussuriana* – se faz, no mais das vezes, sem uma problematização dos limites da analogia do/da corte/ruptura na compreensão dos efeitos produzidos pelas ideias saussurianas nos estudos linguísticos.

De nossa parte, interessa-nos, neste estudo, demonstrar os limites das noções de *corte* e de *ruptura*, para pensarmos, analogicamente, os desdobramentos do fazer teórico de Ferdinand de Saussure. Para tanto, compomos um estudo bibliográfico que reúne, em um primeiro momento, uma série de reflexões de Normand a respeito do termo *corte epistemológico* (*coupure épistemologique*) ou de sua variante *ruptura epistemológica* (*rupture épistemologique*). A partir de uma revisão de literatura, explicitamos como a perspicaz leitora saussuriana toma emprestadas as noções da epistemologia da Física para a reflexão acerca da epistemologia linguística, mas abdica dessas noções em suas últimas reflexões.

Além disso, em alternativa às noções de *corte* e de *ruptura*, este trabalho tem como objetivo, também, discutir a produtividade da noção de *movimento*, utilizada por Silveira (2003, 2007, 2011, 2023, dentre outros), como analogia para o fazer epistemológico de Ferdinand de Saussure. A partir de um diálogo entre o CLG e as fontes manuscritas, a autora brasileira propõe uma outra via de análise dos efeitos da teoria saussuriana, lançando mão da noção de *movimento*, a qual tem ganhado adeptos quando a tônica é a produção do mestre suíço.

Assim, tendo em vista as noções de *corte* e de *ruptura*, emprestadas e abdicadas por Normand, e de *movimento*, utilizada por Silveira, propomos, neste estudo, um deslocamento das primeiras em direção à última, uma vez que, como procuraremos defender ao longo de nossa reflexão, a noção de *movimento* possui um caráter analógico – para nos valermos do termo de Normand (2009 [1970]) – bastante representativo da epistemologia saussuriana.

Das objeções às proposições: o exercício epistemológico saussuriano

Parece não restarem dúvidas de que as elaborações teóricas do linguista genebrino Ferdinand de Saussure são responsáveis por uma guinada nos estudos da língua. Contudo, o modo como essa mudança, que culminou na fundação da Linguística moderna, deu-se é, ainda hoje – um século mais tarde –, alvo de interesse de diferentes pesquisadores que se dedicam a investigar as elaborações saussurianas.

A originalidade desse pensamento permanece instigante, uma vez que, mesmo passados tantos anos da data de publicação do *Cours*, os conceitos e as noções apresentados nele ainda exercem o papel de conceitos basilares da ciência linguística. Como diria Benveniste (2005 [1966], p. 34), após meio século da publicação do CLG, sobre Saussure, “não há um só

² Embora o conceito de *analogia* seja extremamente caro ao pensamento teórico saussuriano, neste trabalho o termo possui uma acepção metateórica e, nesse sentido, distingue-se da acepção teórica ligada à mudança analógica pensada por Saussure no CLG.

linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome”. Tal afirmação é, ainda hoje, atual, tendo em vista que, nas palavras do linguista saussuriano, “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (Benveniste, 2005 [1966], p. 35).

Pensar a atualidade de Saussure e sua influência na Linguística contemporânea é tarefa imperativa por parte daqueles que buscam apreender a força desse pensamento em pleno século XXI. Entretanto, pensar a Linguística saussuriana no tempo de seu surgimento, isto é, relacionando-a aos conhecimentos produzidos sobre a língua – ou, mais especificamente, sobre a linguagem ou sobre as línguas, tendo em vista a proposta conceitual de Saussure – nos parece, mesmo atualmente, uma tarefa necessária.

Como situar as reflexões saussurianas em meio ao contexto teórico de sua época? Em que o discurso saussuriano se diferencia do discurso comparatista, por exemplo? Como Saussure, gramático-comparatista, pôde pensar uma Linguística geral? É possível delimitar a passagem de comparatista para linguista geral realizada por Saussure? De que maneira Saussure abdicou dos estudos puramente empiristas para propor uma reflexão teórica que fosse geral? É possível afirmar que ele abdicou dos estudos empiristas? Seria possível pensar uma Linguística geral senão por via da Gramática Comparada? Esgotar tais questionamentos foge aos propósitos desta investigação; no entanto, eles exemplificam como os efeitos e os desdobramentos do pensamento saussuriano já evocaram – e ainda evocam – atenção.

Antes de nós, não foram poucos os autores que, além de levantarem tais questões, propuseram para elas respostas. Dentre aqueles que são clássicos na investigação da produção saussuriana e que procuraram, de um modo ou de outro, tratar de tais questões, destacamos os estudos de Normand (1970, 2009 [2000]) e de Benveniste (2005 [1966]).

Para Normand (1970, p. 42), Saussure “se separava radicalmente de seus contemporâneos”. Aquilo que torna a teoria de Saussure diferente das de sua época pode, segundo a autora, ser encontrado no CLG:

[...] uma verdadeira teoria da língua, livre das trivialidades acerca da linguagem, a necessidade de um novo fundamento terminológico e, portanto, conceitual que se destaque das evidências, o estabelecimento de critérios que permitam destacar os dados verdadeiramente interessantes na massa das observações, a elaboração de um método de descrições conforme os princípios teóricos (Normand, 2009 [2000], p. 28-29).

A afirmação de Normand reúne aspectos importantes que merecem ser destacados, especialmente porque, como veremos adiante, marcam o que a autora denominará *corte* ou *ruptura* com o pensamento então vigente. Em primeiro lugar, está o fato de que, para ela, Saussure apresenta “uma verdadeira teoria linguística, livre das trivialidades acerca da linguagem” (Normand, 2009 [2000], p. 28-29). Quanto a isso, é importante destacar as reflexões iniciais do CLG, as quais – em consonância com o que destaca a linguista saussuriana – trazem objeções ao modo como a linguagem era, até então, tomada e delineiam os limites da Linguística, ao propor a língua como seu verdadeiro e único objeto.

A historiografia que abre a edição do CLG, a respeito das fases pelas quais a Linguística

passou antes de reconhecer seu objeto – a saber, a Gramática, a Filologia e a Filologia Comparativa ou a Gramática Comparada –, longe de apenas evidenciar os acontecimentos ao longo da história da investigação linguística, demonstra um posicionamento crítico, nos termos de Normand (2009 [2000]), frente às reflexões que, até, então, circundavam os estudos da língua/linguagem. Para Saussure, a Gramática possui sequer visão científica – por se limitar à formulação de regras, seu “ponto de vista é forçosamente estreito” (Saussure, 2012 [1916], p. 31) –; a Filologia não tem a língua como único objeto – “quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos” (Saussure, 2012 [1916], p. 31) –; a Gramática Comparada, por seu turno, teve grande mérito no que tange à abertura do campo de estudo; no entanto, falhou na delimitação de seu objeto. Seu método, esclarece Saussure, foi exclusivamente comparativo, o que acarretou uma série de conceitos errôneos que ignora as verdadeiras condições da linguagem.

O que Saussure chama de Linguística propriamente dita é compreendida nos estudos que se iniciam com as línguas românicas e germânicas, os quais, segundo ele, dão à comparação o lugar que exatamente lhe cabe e contribuem para aproximar a Linguística de seu verdadeiro objeto. O mérito dessa escola está em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação, de maneira a encadear os fatos em sua ordem natural. O demérito, por sua vez, está no fato de que “por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (Saussure, 2012 [1916], p. 36).

Era preciso, primeiro, requerer o objeto língua/linguagem para a Linguística quando as várias ciências conexas – como a Etnografia, a Pré-história, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Social – se interessavam por ele. Era preciso, também, livrar a língua do ponto de vista superficial do público em geral, a partir do qual germinavam ideias absurdas, preconceitos, miragens e ficções. Era preciso livrar a língua das concepções e dos pontos de vista limitantes a seu respeito no interior da própria ciência que se dedicava aos fatos linguísticos. Era preciso, mais do que delimitar um ponto de vista linguístico, definir, criar o próprio objeto da Linguística a partir de uma verdadeira teoria da língua – como postula Normand (2009 [2000]).

No que se refere à preocupação terminológica apontada por Normand (2009 [2000]), é preciso destacar que esta foi uma constante para Saussure. Um exemplo disso pode ser verificado na conhecida carta enviada a Meillet, na qual o mestre genebrino denuncia a insuficiência da terminologia corrente e a necessidade de reformá-la:

Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral vêm estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não ter que cuidar da linguagem em geral. Apesar disso, isso irá acabar em um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há nenhum só termo empregado na Linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. E só depois, confesso, é que posso retomar meu trabalho do ponto que eu havia deixado. Essa disposição, talvez estúpida, explicará a Duvau por que, por exemplo, ensaiei ao longo de um ano a publicação de um artigo que não oferecia, materialmente, nenhuma dificuldade –

sem chegar a outro lugar além de evitar expressões logicamente odiosas, porque isso exigiria uma reforma radical³ (Saussure, 1894 *apud* Benveniste, 1964, p. 94, tradução nossa).

A argumentação de Normand (2009 [2000]), segundo a qual Saussure rompe com a Linguística de seu tempo ao propor uma teoria, pautada numa reforma terminológica radical, parece ganhar respaldo no excerto da carta anteriormente recortado. Isso porque, como se vê pelo trecho em destaque, Saussure se mostrava insatisfeito com a terminologia corrente, à qual ele afirmava não atribuir qualquer sentido, apontando para a necessidade de reformá-la. As preocupações terminológicas se mostram, ainda, imbricadas com as preocupações teóricas do mestre genebrino. Mais do que mostrar a insuficiência dos termos em Linguística, era preciso repensar e mostrar ao linguista a verdadeira natureza de seu objeto, a língua em geral.

A respeito das insatisfações do mestre genebrino anunciadas na famosa carta, De Mauro (1973, p. 356) afirma que:

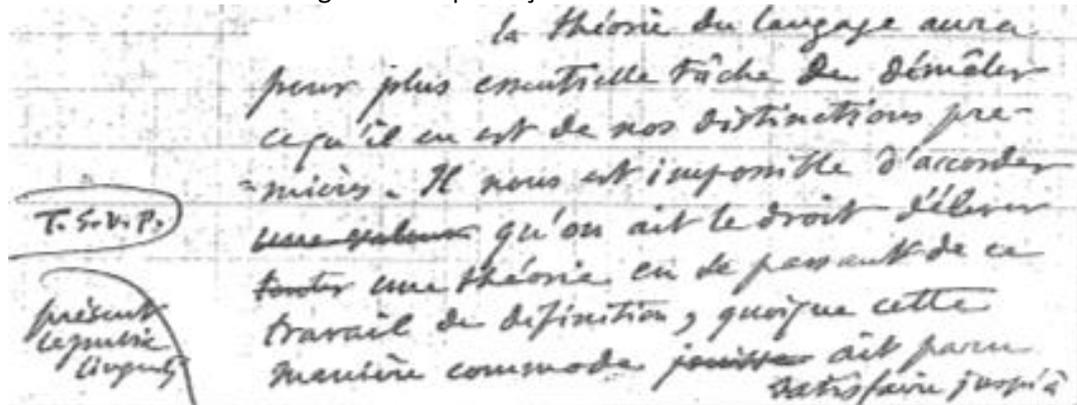
Desse trabalho de “reforma decididamente radical” realizado entre 1893 e 1894 não restam mais que poucas notas manuscritas. A escrita cuja forma é mais definitiva é a nota 9, na qual ele explica porque a língua é uma forma e não uma substância. Esse esclarecimento foi provavelmente fundamental na biografia intelectual de Saussure⁴ (De Mauro *apud* Saussure, 1973, p. 356, tradução nossa).

Em consonância com o que afirma o editor crítico do CLG, tal insatisfação pode ser, ainda, observada no manuscrito *Notes pour un livre sur la linguistique Générale 10f.*, arquivado na Biblioteca de Genebra sob o código Ms. fr. 3951/9, em que Saussure apresenta objeções à terminologia linguística vigente e propõe novos modos de olhar para os fatos de linguagem. Vejamos:

³ Original: “Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher voeu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé. Voilà une disposition, peut-être stupide, qui expliquerait à Duvau pourquoi par exemple j'ai fait traîner plus d'un an la publication d'un article qui n'offrait, matériellement, aucune difficulté, - sans arriver d'ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu'il faudrait pour cela une réforme décidément radicale”.

⁴ Original: “De ce travail de ‘réforme décidément radical’ tenté entre 1893 e 1894 ne restent que peu des notes manuscrites. Celle rédigée sous la forme plus définitive est la note 9 dans laquelle il précise pourquoi la langue est une forme et non pas une substance. Cet éclaircissement a probablement été fondamental dans la biographie intellectuelle de Saussure”.

Figura 1 – Reprodução de manuscrito saussuriano



Fonte: Saussure (1893-1894?).

a teoria da linguagem terá, como principal tarefa, que esclarecer a que pertencem as nossas primeiras distinções. É impossível, para nós, aceitar ~~um valor~~ que se tem o direito de construir ~~teda~~ uma teoria abstendo-se desse trabalho de definição, embora essa maneira cômoda ~~[x]~~ pareça satisfazer, até <agora o público linguístico> <T.S.V.P> (Saussure, 1893-1894?, p. 1, tradução nossa).

Quanto ao excerto em destaque, é válido ressaltar, em primeiro lugar, o modo prospectivo a partir do qual Saussure apresenta a tarefa principal da teoria da linguagem: estabelecer suas distinções primeiras. É o que se pode ler, também, nas páginas da edição de 1916, no capítulo *Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas*, em que Saussure estabelece as tarefas de sua ciência: “i. fazer a descrição e a história de todas as línguas; ii. procurar o que é universal em todas elas; iii. delimitar-se e definir-se a si própria” (Saussure, 2012 [1916], p. 37).

No contexto do manuscrito, em conformidade como o que também se lê na carta, Saussure se mostra insatisfeito com a teoria da linguagem – que parece, no entanto, satisfazer o público linguístico – e preocupado com a tarefa de esclarecer as distinções primeiras da Linguística. A objeção de Saussure em relação ao que é feito por seus contemporâneos – construir teorias linguísticas sem qualquer trabalho de definição – parece refletir uma vez mais aquilo já confessado pelo linguista a Meillet. É o que o levará à proposição não apenas de uma reforma terminológica decididamente radical, mas de uma teoria linguística, capaz de demonstrar de que natureza é o objeto língua.

Ainda, no que concerne à argumentação de Normand a respeito do modo como Saussure se distancia dos linguistas contemporâneos a ele, outro aspecto importante é que a reformulação conceitual e terminológica operada por Saussure o colocará para além dos dados imediatos observáveis comuns à Linguística do século XIX, tais como os parentescos linguísticos, perseguidos pelos gramáticos comparatistas, ou as evoluções históricas, perseguidas pelos linguistas históricos. É nesse sentido que, segundo Normand (1970, p. 42), Saussure recolhe da imensa massa de observações as conclusões que são, de fato, significativas para a compreensão dos fenômenos linguísticos.

De modo distinto, mas numa mesma linha interpretativa, Benveniste resalta preocupações de Saussure que sequer eram pensadas por seus contemporâneos, tal como

aquela de mostrar ao linguista o que ele faz:

Não havia nada mais afastado do seu tempo que essas preocupações lógicas. Os linguistas estavam então absorvidos num grande esforço de investigação histórica no emprego dos materiais de comparação e na elaboração de repertórios etimológicos. Esses grandes empreendimentos, afinal muito úteis, não deixavam lugar às preocupações teóricas. E Saussure permanecia sozinho com os seus problemas (Benveniste, 2005 [1966], p. 41-42).

Como se pode observar, Benveniste também ressalta o distanciamento operado por Saussure do fazer linguístico comparatista, apontando o direcionamento do linguista para preocupações lógicas. Quanto a esse distanciamento, é preciso lembrar que Saussure era um comparatista, reconhecido, inclusive, por seu *Mémoire sur les systèmes primitif de voyelles dans les langues indo-européennes* (1879). Como exemplifica a carta antes mencionada, era um entusiasta capturado pelo prazer histórico; todavia, era também um linguista, ainda que a contragosto, inquieto com preocupações de outra ordem, tal como a de “mostrar qual espécie de objeto é a língua em geral” (Saussure, 1894 *apud* Benveniste, 1964, p. 94).

A partir do que destacam Normand e Benveniste, observamos que a relação estabelecida entre a teoria saussuriana e os estudos de sua época é fator de preocupação para aqueles que buscam entender os efeitos dessa teorização no quadro da Linguística. Para Normand, Saussure pensa uma teoria da língua, livre das trivialidades de sua época. Para Benveniste, Saussure se preocupava com questões teóricas que os linguistas daquele momento, absorvidos pelas investigações históricas, ignoravam.

Na tentativa de compreender o modo como Saussure se distancia de seus contemporâneos e os efeitos causados por esse distanciamento na fundação da Linguística moderna, Normand propõe a analogia do *corte epistemológico* ou da *ruptura epistemológica*. Passaremos, adiante, a observar de que maneira isso é feito pela autora, procurando problematizar os limites dessas noções.

O corte epistemológico saussuriano: problematizando uma noção

A noção de *corte epistemológico* foi utilizada pela primeira vez, para representar os efeitos das reflexões linguísticas saussurianas, por Claudine Normand no ano 1970, em um artigo republicado no Brasil em 2009 e intitulado *Proposições e notas para uma leitura de Ferdinand de Saussure*. A análise de diferentes trabalhos realizados pela autora nos mostra, porém, que o emprego dessa expressão para caracterizar a elaboração teórica de Saussure deve ser acompanhado de uma reflexão cuidadosa que os estudos desenvolvidos por Normand (1970, 1980, 1995, 2000, 2009 e 2011) nos impõem.

No artigo publicado em 1970, a autora propõe uma leitura sob o ponto de vista histórico-crítico de dois capítulos do CLG, a saber, *As entidades concretas da língua e Identidades – Realidades – Valores*, embora o estudo proposto por ela também incida no capítulo *O valor linguístico*. Essa análise é guiada por três grandes questionamentos, os quais reproduzimos integralmente:

[...] estamos com Saussure diante de um “corte epistemológico”, “constitutivo de uma ciência”, comparável ao exemplo geralmente evocado dos trabalhos de Galileu? ou é necessário apenas falar de “demarcação” (ou ruptura intraideológica), isto é, de um desses casos de “aperfeiçoamentos, correções, críticas, refutações, negações de certas ideologias ou filosofias, que precedem logicamente o corte epistemológico”? Isso traria o problema corolário de saber se a linguística atual é de fato fundada como ciência e por quais trabalhos (sobre os quais seria necessário fazer as mesmas perguntas); ou ainda, trata-se de uma “ruptura intracientífica, simples reformulação da problemática teórica” como intervém na história de uma ciência? (Normand, 2009 [1970], p. 23-24).

Responder a tais questões é, para Normand, uma possibilidade de resolver, com base na epistemologia bachelardiana, retomada por Fichant, em que medida o CLG, em especial, instaura uma mudança radical relativa aos estudos linguísticos contemporâneos ou anteriores a ele. A autora ressalta que os conceitos de *corte epistemológico* e de *ruptura intraideológica*, que aparecem no trecho anteriormente citado, são mobilizados por Fichant no estudo da Física. O epistemólogo, entretanto, “adverte contra uma aplicação apressada em qualquer outra disciplina” (Normand, 2009 [1970], p. 24).

Em seu estudo, Normand parece se atentar às cautelas necessárias na aplicação desses conceitos, considerando, por exemplo, as especificidades do CLG. Para ela, embora a edição do CLG não tenha sido escrita por Saussure, o livro atuou como fonte e referência no contexto teórico dos anos 1970, auge do retorno a Saussure por parte do Estruturalismo⁵. Segundo a autora, “o problema crucial que se coloca, então, e que permitirá ou não falar de corte, é o dos meios pelos quais determinar exatamente a diferença entre o discurso novo e outros discursos teóricos” (Normand, 2009 [1970], p. 24). É, portanto, a partir de uma análise do CLG que esse exame proposto por ela será possível.

Para definir o que é corte epistemológico, Normand retoma o que é dito por Fichant, segundo o qual “o corte tem por efeito tornar impossíveis certos discursos ideológicos ou filosóficos que o precedem, ou seja, levar a nova ciência a romper explicitamente com eles” (Fichant *apud* Normand, 2009 [1970], p. 25). No que se refere à Linguística, porém, Normand (2009 [1970]) atesta que, se há uma ruptura, ela não é imediatamente explícita, tendo-se em vista os tateamentos e as ambiguidades recorrentes no CLG tratados pela autora.

Para nós, a ressalva feita pela autora, já no início de sua análise, a respeito da natureza do corte possivelmente estabelecido pelo CLG – não imediatamente explícito – nos coloca frente a um primeiro empecilho de tomar a epistemologia saussuriana nos termos da Física. Apesar disso, Normand segue seu objetivo: observar em que medida o CLG instaura uma mudança radical nos estudos linguísticos.

Na análise do capítulo *As entidades concretas da língua*, do CLG, Normand (2009 [1970]), aponta uma sobreposição de três “percursos de pensamento” contraditórios

⁵ É importante termos em mente que, na ocasião de publicação desse trabalho por Normand, em 1970, as pesquisas relacionadas aos manuscritos saussurianos eram bastante tímidas. Embora tais pesquisas, no contexto atual, tenham ganhado mais atenção por parte dos pesquisadores da produção saussuriana, o CLG é, ainda hoje, a principal porta de entrada para os estudos do linguista genebrino.

trilhados por Saussure, a saber: o procedimento empírico, o procedimento de crítica – estreitamente relacionado ao empírico – e o procedimento dedutivo. A autora ressalta que o procedimento empírico é realmente contraditório ao procedimento dedutivo, pois, enquanto o primeiro depende da observação imediata, o segundo é de caráter racional. Todavia, para a estudiosa, embora Saussure mobilize, em um primeiro momento, ambos os procedimentos, ele apresenta uma crítica sistemática e abandona o procedimento empírico – mas essa passagem não é explícita. Ao teorizar sobre o objeto da Linguística, por exemplo, o linguista tece uma crítica à abstração que é resultante da separação do significante e do significado. Ele procura determinar, ao contrário, um objeto real e concreto. Por outro lado, ao definir que os signos da língua não são delimitados de antemão, Saussure “ultrapassa esse dado aparentemente imediato” (Normand, 2009 [1970], p. 20).

A análise do capítulo *Identidades – Realidades – Valores*, por sua vez, apresenta, segundo a autora, um abandono mais claro do procedimento empírico. Para ela, isso é possível, sobretudo, a partir da noção de *valor*, não observável diretamente. De acordo com Normand, o princípio que rege esse capítulo é oposto ao empirismo e aparece em afirmações como a seguinte: “Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade” (Saussure, 1916 *apud* Normand, 2009 [1970], p. 32).

A autora argumenta que, nesse capítulo, há um conjunto de afirmações teóricas, isto é, de hipóteses que não são resultantes de observações. O caráter dedutivo dessa reflexão é ainda confirmado pelos exemplos extralinguísticos apresentados por Saussure, que possuem “caráter analógico, do discurso teórico e não da demonstração experimental ou da observação empírica” (Normand, 2009 [1970], p. 33), a saber: as identidades dos dois expressos, a identidade da rua reconstruída, a identidade do traje roubado e achado e a metáfora do jogo de xadrez.

Ainda de acordo com Normand, a passagem de um discurso empírico para um discurso teórico, no estudo realizado por Saussure, é verificada a partir da importância dada às relações, que não podem ser imediatamente observáveis; trata-se de uma construção teórica a respeito do objeto de investigação: “Será a realidade das relações, constitutivas do sistema da língua, ponto de partida e ponto de chegada do raciocínio. Como o peão do jogo de xadrez, o elemento linguístico ‘não se torna elemento real e concreto senão quando revestido de seu valor’” (Normand, 2009 [1970]), p. 33).

A análise de Normand (2009 [1970]) a respeito da construção teórica em torno das relações proposta por Saussure é consoante com as afirmações de Benveniste (2005 [1966]), embora sejam feitas a partir de interesses distintos, mas articuláveis, quais sejam: demonstrar o corte saussuriano e apresentar o desenvolvimento da Linguística, respectivamente. Afirmamos isso porque, ao refletir sobre as mudanças no quadro da Linguística, o leitor saussuriano também destaca a importância dada às relações por Saussure e o papel delas no distanciamento que o mestre genebrino opera da Linguística contemporânea a ele. Segundo o autor:

Já se pode ver o quanto essa concepção da linguística [saussuriana] difere da que prevalecia antes. A noção positiva do *fato* linguístico é substituída pela de *relação*. Ao invés de considerar-se cada elemento em si e de procurar-se a sua “causa” num estado mais antigo, encara-se cada elemento como parte de um conjunto sincrônico; o “atomismo” dá lugar ao “estruturalismo” (Benveniste, 2005 [1966], p. 23).

De sua parte, Normand atesta que as relações marcam a mudança de uma análise empírica para uma investigação teórica. É a partir dessas relações que Saussure constrói sua teoria fundamental, a do valor linguístico. A autora defende, desse modo, que a teoria do valor possibilita uma abordagem indireta do objeto, pois depende de um trabalho científico, de uma reflexão teórica. Assim sendo, para ela, “se há corte epistemológico, ele se situaria, então, na elaboração do conceito de valor, na medida em que esse conceito se relaciona a todo um conjunto de postulados: distinções, diacronia-sincronia e língua-fala, definição da língua como sistema” (Normand, 2009 [1970]), p. 34).

É importante destacarmos, na citação anterior, a hesitação da autora em afirmar categoricamente que há um corte na reflexão sobre o valor. Como se vê, a afirmação é hipotetizada pela estudiosa. A nosso ver, isso se deve à própria definição de *corte epistemológico* apresentada por Fichant, que trata de uma ruptura explícita de discursos ideológicos. Todavia, como a análise da autora aponta, nas reflexões saussurianas, a ruptura não é imediatamente explícita. Em outro momento, porém, a declaração de que há um corte na teoria saussuriana por Normand já não é mais apresentada como hipótese. Vejamos:

Quando se lê [...] que “a noção de valor recobre as de unidade” o termo recobre é evidentemente demasiado vago e não dá conta do que aparece como uma reformulação dos conceitos (e não uma simples mudança de termos). O que parece indicar que, *lá onde vemos um corte*, Saussure (e/ou seus editores) não o via(m) claramente (Normand, 2009 [1970], p. 35, grifo nosso).

No trecho destacado, Normand parece se mostrar certa de que Saussure opera um corte na Linguística a partir da teoria do valor. A problemática que se coloca, no entanto, é o fato de que o próprio Saussure e seus editores não viam claramente esse corte. Além disso, as ambiguidades encontradas no CLG, a partir do exame realizado pela autora, parecem colocar em questão a possibilidade de um corte claro e evidente, como aquele proposto por Bachelard e retomado por Fichant na reflexão epistemológica sobre a Física. Entretanto, Normand (2009 [1970], p. 42) ressalta que Saussure “se separava radicalmente de seus contemporâneos” e que, se há um corte na teoria proposta pelo linguista, ele é representado pela teoria do valor.

Normand parece, então, titubear entre a certeza ou não de um corte em Saussure. Isso se dá pelo fato de que, por um lado, é certo que Saussure se separa radicalmente de seus contemporâneos, mas, por outro, evidenciar tal corte se torna uma difícil tarefa para a pesquisadora, uma vez que ele não se apresenta explicitamente no CLG, obra produzida a partir de condições editoriais tão singulares. Bem se vê, desse modo, que a analogia do *corte* mobilizada na epistemologia da Física não parece dar conta, nesse primeiro contexto de análise, das condições singulares a partir das quais a Linguística moderna se funda.

A noção de *corte epistemológico* é novamente abordada por Normand em 1980, no artigo intitulado *Comme faire l'histoire de la linguistique*, publicado pela primeira vez nos Atos do Colóquio *Les sciences humaines, quelle histoire?!* e republicado em 2009 na revista *Cahiers de l'ILSL*. Nesse artigo, a autora discute questões relacionadas ao ensino e à história da linguística, tematizando as noções de *corte*, *paradigma*, *mudança* e *novidade*. A noção de *corte* é tomada como pertencente a um dos dois paradigmas a partir dos quais os textos eram lidos pelos professores na França nos anos 80, a saber: a mudança na continuidade, marcada pelo desenvolvimento, pelo progresso ou pela maturação das ideias; e a mudança na descontinuidade, marcada pelo corte, pela ruptura, por discursos radicalmente novos. Nessa reflexão, Normand reclama, porém, das dificuldades de evidenciar o corte, como aquele que acontece em Saussure, por exemplo:

Outra dificuldade: o limite, se existe, nunca é claramente desenhado em tais textos. Antigamente, eu pensei que poderia mostrar facilmente, a partir de uma leitura comparada, que havia corte em Saussure enquanto faltava corte em Whitney. A análise concreta dos textos me mergulhou em apuros quando eu reforcei minha convicção ao mesmo tempo em que ficava mais e mais difícil de comprová-la⁶ (Normand, 2009 [1980], p. 31, tradução nossa).

Em 1995, Normand dedica todo um trabalho, nomeado *La coupure saussurienne*, a tratar do *corte* saussuriano, contextualizando o momento histórico-teórico quando, pela primeira vez, utilizou essa metáfora para caracterizar a produção de Saussure. Em um período de intensas questões políticas na França, a expressão *coupure épistemologique* – ou sua variante *rupture* – era comum nas reflexões sobre Marx, Nietzsche e Freud: “Esse termo, como toda a sua carga metafórica, resumiu a escolha teórica de descontinuidade na história, oposição a noções convencionais de desenvolvimento gradual e ‘precursores’”⁷ (Normand, 1995, p. 7, tradução nossa). Nesse sentido, o *corte* estava para a descontinuidade em oposição ao desenvolvimento gradual. No entanto, segundo a autora, “O ‘corte’ desaparece da terminologia ao mesmo tempo em que a esperança da revolução”⁸ (Normand, 1995, p. 7, tradução nossa). A conclusão desse trabalho é formulada em uma pergunta, na qual Normand se questiona se o pensamento de corte é ainda suscetível de desempenhar seu papel no âmbito dos trabalhos científicos. Desse modo colocada, a certeza de um corte em Saussure ou a possibilidade de evidenciar esse corte parece perder força nas reflexões da especialista saussuriana.

No livro publicado por Normand no ano 2000, intitulado *Saussure*, a noção de *corte epistemológico* não aparece. Contudo, a questão epistemológica não é abandonada pela autora; ao contrário, permeia quase todos os capítulos do livro. Os efeitos da teoria

⁶ Original: “Autre difficulté: le seuil, s'il existe, n'est jamais nettement dessiné dans ce genre de textes. Naguère, je pensais pouvoir montrer assez facilement, par une lecture comparée, qu'il y avait coupure chez Saussure alors qu'elle était absent chez Whitney. L'analyse concrète des textes m'a plongée dans des difficultés imprévus où je renforçais ma conviction en même temps qu'il me devenait de plus en plus difficile d'en donner la preuve”.

⁷ Original: “Ce terme, avec toute sa charge métaphorique, résumait le choix théorique de la discontinuité en Histoire, opposée aux notions classiques de développement graduel et de ‘précurseurs’”.

⁸ Original: “[...] ‘coupure’ disparaît de la terminologie en même temps que l'espoir de la révolution [...]”.

saussuriana são, entretanto, nomeados de outro modo. Normand vê, em Saussure, uma tomada de posição “epistemológica” (Normand, 2000, p. 35) ou “filosófica” (Normand, 2000, p. 89) que difere do posicionamento dos gramáticos comparatistas.

No ano de 2009, em entrevista dada a Silveira (2009), no número 25 da revista *Letras&Letras* – número comemorativo do centenário da Teoria do Valor –, Normand parece abandonar definitivamente a noção de *corte epistemológico*:

Silveira – As elaborações saussurianas são reconhecidas como fundadoras de uma nova perspectiva científica. Como você entende essa nova perspectiva científica aberta pelo trabalho de Saussure?

Normand – Mencionei antes a mudança decisiva que Saussure introduziu na gramática comparativa, de fato, o estabelecimento de uma nova epistemologia; ela se impôs com dificuldade e, por esta razão, hoje não falo mais de ruptura ou ruptura-continuidade, e jamais completamente ganhada. As razões anti- ou simplesmente a-saussurianas são ainda frequentes. Revolta, uma vez que você me encorajou a retomar este termo, é mais apropriado porque ele pode ter em conta os tumultos, protestos e, eventualmente, os afetos. Mas deixemos as metáforas, mesmo se elas são necessárias para iluminar a teoria (Saussure dizia que sentia desgosto por não poder deixá-las inteiramente); tentaremos definir em termos mais teóricos e, portanto, simplificadores, essa mudança epistemológica [...] (Silveira, 2009, p. 220, tradução nossa)⁹.

As razões da recusa em falar de ruptura ou ruptura-continuidade são apresentadas, no excerto anterior, de modo assaz breve. Elas dizem respeito ao fato de que a teoria saussuriana figurou como uma novidade epistemológica dificilmente imposta. Normand parece perceber que a analogia do corte não é exata para representar o modo como essa novidade radical foi introduzida pelos estudos de Saussure. Entretanto, se a analogia do corte não serve para falar da teorização saussuriana, de que maneira tratar “a mudança epistemológica” que o pensamento de Saussure introduz em relação ao conhecimento produzido pelos estudiosos de seu tempo? A inviabilidade da noção de *corte* também diz respeito ao fato de que há, de alguma maneira, continuidade do conhecimento anterior, embora Normand recuse também a expressão ruptura-continuidade?

Apesar das questões relacionadas à analogia do corte, não há dúvidas de que os estudos de Saussure instauraram uma mudança significativa na história dos estudos linguísticos e que as condições dessa mudança devem ser observadas. Propomos pensar essa guinada a partir de uma noção que, a nosso ver, é mais abrangente e que pode contemplar

⁹ Original: “Silveira – Les élaborations saussuriennes sont reconnues comme fondatrice d’une nouvelle perspective scientifique. Comment comprenez-vous cette nouvelle perspective scientifique ouverte par le travail de Saussure? Normand – J’ai évoqué plus haut le changement décisif que Saussure a introduit dans la Grammaire comparée, en fait par la mise en place d’une nouvelle épistémologie; celle-ci ne s’est imposée que difficilement et pour cette raison, aujourd’hui, je ne parlerais plus de « rupture », ou alors de « rupture continuée » et jamais complètement gagnée. Les raisons anti- ou simplement a-saussuriennes sont encore fréquents. « Bouleversement », puisque vous m’avez incitée à reprendre ce terme, convient mieux, parce qu’il peut prendre en compte les remous, les protestations et éventuellement les affects. Mais laissons les métaphores, même si elles sont nécessaires à éclairer la théorie (Saussure disait qu’il éprouvait du dégoût qu’on ne puisse s’en passer complètement); essayons de définir en termes plus théoriques, et donc simplificateurs, ce changement épistémologique [...]”.

não apenas o distanciamento instaurado por Saussure em relação à Linguística de seu tempo mas também a permanência de elementos do posicionamento epistemológico anterior. Trata-se da noção de *movimento*, a partir da qual Silveira (2007) tem analisado, em seus estudos, o processo de elaboração teórica de Ferdinand de Saussure. Adiante, trataremos dessa noção de um modo mais específico, procurando balizar sua viabilidade para pensar o procedimento epistemológico de Saussure em fins do século XIX.

A analogia do movimento: o fazer epistemológico de Saussure e seus efeitos

Embora conhecedora das fontes manuscritas saussurianas, Normand privilegia, como objeto de pesquisa, a edição do CLG nos numerosos estudos desenvolvidos por ela – e por nós visitados anteriormente. Como vimos, as particulares condições de organização do CLG foram, inclusive, pontos de atenção para a autora quando a tarefa era evidenciar o corte epistemológico operado pela teoria saussuriana. Mas o que é possível dizer sobre as fontes manuscritas quando consideramos a relação entre a teoria linguística de Ferdinand de Saussure e a Gramática Comparada? A análise dos manuscritos nos permite traçar as mesmas relações vistas pela estudiosa a partir do CLG?

As questões que movem esta nossa reflexão e que estão longe de ser esgotadas neste estudo, certamente, não são as mesmas ou não se apresentam nos mesmos termos das reflexões desenvolvidas por Silveira. Apesar disso, seus estudos, que colocam lado a lado as diversas produções saussurianas – dentre elas, o CLG, os manuscritos de Linguística, os estudos anagramáticos e as cartas enviadas por Saussure – trazem aspectos que, ainda que não resolvam todos os nossos questionamentos, lançam luz sobre nossas questões, sobretudo a partir da noção de *movimento* a que a autora recorre tanto para pensar o processo de elaboração de Ferdinand de Saussure quanto para examinar os efeitos da epistemologia saussuriana na fundação da Linguística moderna.

É primeiramente no trabalho *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*, pesquisa de doutorado defendida por Silveira em 2003 e publicada em formato de livro em 2007, que a autora utiliza como ferramenta de análise a noção de *movimento* para investigar o percurso de Saussure na fundação da Linguística enquanto ciência moderna, bem como as marcas concretas desse percurso, observadas no CLG e nos manuscritos saussurianos.

Embora os manuscritos recebam, nesse estudo, grande atenção, a edição do CLG tem seu papel estabelecido. Trata-se, para a autora, do produto do movimento teórico de Saussure, em cuja publicação se reconhece o marco de fundação da Linguística. É em busca do estatuto do CLG nessa fundação que Silveira parte no primeiro capítulo do seu trabalho:

Sendo assim, do nosso ponto de vista, a edição é mais que reprodução das ideias de Saussure ou deformação dessas ideias pelos editores, ou seja, houve aí um movimento que é próprio da edição e leva a marca tanto de Saussure quanto dos editores. Falar do estatuto da edição é dizer dessa marca (Silveira, 2007, p. 27).

A respeito do papel dessa edição para a história dos estudos linguísticos, Silveira assinala que, nesse produto, podemos reconhecer o corte de Saussure:

Ou seja, da diacronia à sincronia ou, da fala à língua e, entre eles o corte inaugural de Saussure. Contudo, o corte que se dá com a diferença constitutiva da língua e lega uma herança aos linguistas que lhe sucedem, não é sinônimo de não-relação. O corte incide antes na não-diferenciação dessas instâncias e tem como efeito a possibilidade de cernir um outro funcionamento da língua. Ou seja, o deslocamento teórico é dado por um descolamento da fala em relação à língua e da sincronia em relação à diacronia, movimento esse que funda a ordem própria da língua (Silveira, 2007, p. 59).

Embora, segundo a autora, o corte de Saussure possa ser evidenciado a partir do movimento que o linguista faz da diacronia em direção à sincronia e da fala em direção à língua, em outros termos, do campo do empírico para o campo do teórico, para Silveira, o capítulo do valor apresenta uma tensão em relação ao corte de Saussure:

Se por um lado podemos mostrar como o corte fundamental de Saussure que funda a linguística se lê no referido capítulo do curso [capítulo IV da segunda parte do CLG], por outro lado, podemos mostrar que há uma tensão no decorrer do capítulo que dificulta a leitura do texto e o seu entendimento. Essa tensão pode ser nomeada como uma ameaça ao caráter diferencial da língua - parece que a qualquer momento ele pode ceder o seu lugar a uma propriedade intrínseca - o que não passa de uma insinuação nesse capítulo (Silveira, 2007, p. 56).

É preciso destacar, nas afirmações da autora, que, se por um lado há corte evidente, especialmente operado a partir das noções de *diacronia*, de *sincronia*, de *língua* e de *fala*, por outro há tensão, advinda tanto da dificuldade de leitura do texto quanto das propriedades intrínsecas do fenômeno que permanecem, as quais Saussure procura negar. A nosso ver, esse fato nos leva, uma vez mais, às dificuldades também anunciadas por Normand em evidenciar, de forma explícita, o corte epistemológico que o capítulo do valor instaura.

É válido observar que Silveira (2007) adere à noção de *corte epistemológico*, antes mobilizada por Normand, sem problematizar os limites dessa analogia na compreensão dos efeitos da teoria saussuriana na história das ideias linguísticas. O uso da noção de *corte* pela autora é exemplar do que comumente ocorre na literatura especializada saussuriana, em que a expressão *corte*, ou sua variante *ruptura*, por vezes é tomada para ilustrar os efeitos do pensamento de Saussure na Linguística.

De sua parte, porém, a autora brasileira chama a atenção para o fato de que, embora na edição se possa reconhecer o corte de Saussure, esse corte se deu antes da edição: “ao tratarmos da operação que constitui A Edição, referimo-nos repetidamente ao corte de Saussure. Esse corte, que a edição não desmente, aconteceu logicamente antes da edição” (Silveira, 2007, p. 80).

Tendo isso em mente, do ponto de vista da autora, é preciso dar um passo atrás do evento de publicação do CLG para dar conta do movimento de elaboração que resultará no *corte*. É nesse passo atrás, dado pela pesquisadora, que a noção de *movimento* ganha corpo em sua investigação e possibilita analisar a linguística saussuriana sob outra perspectiva, isto

é, aquela do processo ou do percurso¹⁰.

A partir das noções de *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*, advindas da Psicanálise, a autora procura esboçar o movimento realizado por Saussure, não enquanto sujeito do inconsciente, mas como um lugar que é suporte do movimento que fundou a linguística. Assim, a investigação apresentada no segundo capítulo de seu estudo diz respeito ao percurso do linguista genebrino enquanto indo-europeísta, investigador dos anagramas e linguista; portanto, refere-se a um momento anterior à edição. Por fim, na análise do manuscrito *Première Conférence*, resultante da aula inaugural de Saussure na Universidade de Genebra, a autora se detém nas “marcas concretas” que também demonstram o movimento saussuriano de teorização e que podem ser reconhecidas nas “rasuras, repetições, reformulações e incisos” (Silveira, 2007, p. 17) dos manuscritos:

[...] importa-nos “como ele escreveu” o que não é sem relação com “o que ele escreveu” visto que a forma como ele escreveu acaba por circunscrever uma série de rupturas no plano do conteúdo. O que se rompe, retorna como repetições ou mesmo integrado no texto, o que já aponta para um deslocamento na elaboração de Saussure (Silveira, 2007, p. 125).

Uma análise que privilegia, pois, o movimento teórico de Saussure procura dar conta do modo como ele escreveu, o que não está dissociado, como observa a autora, do que ele escreveu. Parece-nos, então, que se deter no que ele escreveu ou, mais especificamente, no conteúdo de sua teoria tem limitado a evidenciação do corte epistemológico saussuriano, como exemplificam as dificuldades enfrentadas tanto por Normand quanto por Silveira. Assim, deter-se no modo como ele escreveu ou no seu movimento de elaboração teórica traz outras possibilidades de análise do percurso teórico saussuriano e dos seus efeitos nos estudos pós-saussurianos.

Exemplos disso são os diferentes estudos em que Silveira recorre à noção de *movimento* na análise de manuscritos saussurianos, os quais não deixam de dialogar com a edição do CLG. Nesses trabalhos, a noção de *movimento* é ainda tomada pontualmente, não apenas para a autora abordar os efeitos da teorização de Ferdinand de Saussure, de modo geral, reconhecidos na fundação, mas também para ela tratar do percurso trilhado por Saussure na elaboração de sua teoria.

Em estudo intitulado *O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos*, a autora vê, por exemplo, as rasuras e os incisos como constitutivos desse movimento: “Voltaremos aos manuscritos do linguista onde as rasuras são muitas, para nelas entrever o movimento de Saussure que avança, mas também recua” (Silveira, 2011, p. 6). A observação de que há, nesse processo de teorização, avanço e recuo nos dá indícios de que o movimento teórico realizado por Saussure não foi, em definitivo, abrupto.

A nosso ver, tal constatação levanta questões relativas à própria validação da noção de *corte epistemológico* na reflexão sobre o fazer epistemológico saussuriano, emprestada da

¹⁰ É preciso considerar que há processo também no CLG, uma vez que nele não encontramos uma teoria pronta e acabada, mas esse processo difere daquele observado nos manuscritos.

Física e que, como vimos, discorre sobre a impossibilidade de certos discursos ou sobre a ruptura explícita com tais discursos. Ao que nos parece, para além de um único corte ou de um corte definitivo, é preciso considerar a realidade de cortes ou pequenos cortes resultantes do movimento teórico de Saussure, os quais, vistos no percurso, diferem daquele reconhecido no produto desse movimento – segundo Silveira, a edição do CLG.

O livro mais recentemente publicado por Silveira, em 2022, *A aventura de Saussure*, fornece novos esclarecimentos acerca da noção de *movimento* e ajuda-nos a demonstrar a pertinência dessa noção enquanto analogia do exercício teórico de Saussure e de seus efeitos, o quadro dos estudos linguísticos. A respeito dessa noção e do modo como ela tem permeado suas investigações acerca da produção teórica de Saussure, Silveira ressalta:

As nossas pesquisas no campo saussuriano já nos permitiram sustentar que há um movimento na elaboração de Saussure, ou seja, deslocamentos teóricos e, na medida em que isso ocorre, a terminologia tende a se movimentar também. É o caso do termo “signo”, que no EDL [Essência Dupla da Linguagem] varia muito o que designa, precisando, como dissemos anteriormente, sempre de um qualificativo para especificar o referente; no CLG, entretanto, o termo alcança uma certa estabilidade conceitual que difere profundamente do uso dado no EDL (Silveira, 2022, p. 87).

O trecho em destaque se mostra relevante porque apresenta novas caracterizações para o que a autora entende por *movimento* no estudo da elaboração de Saussure. É preciso considerar que, dentre os possíveis significados de *movimento*, está *deslocamento*, o que coaduna com o sinônimo apresentado pela estudiosa para esclarecer de que movimento se trata. Tal noção, segundo ela, remete a “deslocamentos teóricos” que resultam também em deslocamentos terminológicos e que podem ser exemplificados pelo caso do termo *signo*, abordado na análise que ela empreende do manuscrito *De l’essence du langage* (EDL).

Nesse documento, em específico, o uso do termo *signo* varia de diferentes formas e marca um distanciamento ou um deslocamento dos modos de compreensão até então possíveis para esse termo, ao mesmo tempo que apresenta novos elementos, que delineiam esse conceito nos moldes saussurianos como hoje o conhecemos. Assim, enquanto no manuscrito o deslocamento teórico e terminológico está se fazendo, na edição do CLG esse termo já aparece de forma estável.

O movimento epistemológico saussuriano que se mostra no manuscrito analisado também é observado por Silveira (2002) em estudo de outros conceitos conhecidos, caros à Linguística moderna, como os de *língua*, de *diacronia* e de *sincronia*, de *forma* e de *substância*. É o que procura defender a autora, no seguinte trecho:

Notemos o modo de elaboração do linguista, ao se questionar sobre a natureza da língua. Sua escrita vai tocando outros pontos teóricos e uma elaboração tem efeito sobre outras de maneira que muitos aspectos conceituais se transformam, num movimento que, se não é simultâneo, é, pelo menos, espiral. Parece-nos chegado o momento para abordarmos outro tema caro à Linguística. Trata-se das noções de sincronia e diacronia que possivelmente estão articuladas com as noções de forma e substância (Silveira, 2022, p. 117-118).

Em outras palavras, a autora argumenta em favor de um movimento teórico espiral ou espiralado de Saussure, que implica idas e vindas aos conceitos, bem como formulações e reformulações. Assim, à medida que elabora um conceito, o linguista toca outros, precisando seus contornos e também evidenciando a relação de interdependência entre eles. Nas palavras da autora:

Como se pode imaginar a reflexão de Saussure nesse manuscrito retornou para a concepção de forma, já que a correlação entre os elementos solicitava recuperar essa concepção para, inclusive, aperfeiçoá-la. É nesse sentido que o movimento da escrita do genebrino no EDL nos parece espiralado; pode até parecer circular, mas não é, ele retorna aos conceitos, mas depois do surgimento de algo novo e que o leva a uma elaboração de questões as quais já tinha avançado, mas não o suficiente, ele assim não volta ao mesmo lugar. O movimento em espiral dá voltas em torno de um ponto, mas em cada uma dessas voltas ele se se afasta progressivamente do ponto de partida (Silveira, 2022, p. 136).

Esse trecho em destaque apresenta novos aspectos que nos ajudam a caracterizar o que se entende por *movimento epistemológico saussuriano*, nos termos de Silveira (2022). No manuscrito selecionado, tal movimento é definido pela autora como espiralado, isto é, aquele que retoma os contornos de uma espiral e que coloca em jogo avanços-recuos-avanços. Tal analogia, pautada nos escritos analisados pela autora, reforça a inviabilidade da analogia do/da corte/ruptura, ao que nos parece também observada por Normand. Isso se deve ao fato de que os avanços teóricos de Saussure não se fazem sem os recuos, o que remete ao que Normand chama de continuidade-descontinuidade. É nesse sentido que os recuos parecem, no percurso teórico de Saussure, como caminhos necessários, impossíveis pela via do corte epistemológico, que pressupõe, na epistemologia bachelardiana, uma ruptura completa e explícita com os discursos, os conceitos e as terminologias anteriores.

Para o tratamento do trabalho conceitual e terminológico de Saussure, a noção de *movimento*, utilizada de Silveira, incide em aspectos internos do processo teórico do linguista. No entanto, a autora recorre a essa noção também para pensar o modo como se dá a relação entre a Linguística saussuriana e os estudos de Linguística Histórica, contexto da formação de Saussure:

Vale ressaltar que temos indícios suficientes para afirmar que Saussure, no EDL, se via confrontado com uma cisão entre os estudos históricos em curso no século XIX e uma reformulação necessária para a área. Se essa cisão, que agora podemos nomear de sincronia e diacronia, não aparece explicitamente, podemos sentir o movimento nessa direção a partir do que ele começara, nesse manuscrito, a chamar de ponto de vista (Silveira, 2022, p. 121).

A nosso ver, isso explica como essa noção parece dar conta tanto do processo interno de teorização de Saussure, sob um ponto de vista intraepistemológico, quanto dos efeitos dessa teorização para a Linguística possível a partir das ideias saussuriana, sob um ponto de vista interepistemológico. Da perspectiva intraepistemológica, a noção de *movimento* remete aos passes e aos impasses, aos avanços e aos recuos, às continuidades e às descontinuidades averiguadas no processo de escrita e, portanto, no percurso de elaboração teórica de

Saussure. Dessa perspectiva, é possível observar as marcas que constituem esse movimento, que escapam tanto à edição do CLG quanto a certas edições dos manuscritos, que retiram as rasuras, reorganizam os incisos e, até mesmo, preenchem os brancos de Saussure¹¹. Da perspectiva interepistemológica, a noção de *movimento* coloca em causa os efeitos e os desdobramentos advindos desse movimento epistemológico operado por Saussure, seja em relação aos discursos que antecederam o seu seja em relação aos discursos que se tornaram possíveis a partir do seu.

Para nós, tais pontos de vista possíveis de análise do movimento saussuriano estão ligados e implicam-se mutuamente. São os pequenos deslocamentos conceituais e terminológicos que constituirão, num âmbito maior, o deslocamento teórico e epistemológico que, ao mesmo tempo, distanciará Saussure da Linguística de seu tempo e abrirá as portas para as Linguísticas que se seguem.

Considerações finais

Partimos, neste estudo, de uma problematização da analogia do *corte* e da *ruptura*, utilizada por Normand em diferentes reflexões, para pensarmos a epistemologia saussuriana. Vimos que, em um primeiro momento, a autora toma esses termos emprestados da epistemologia bachelardiana, aplicada à Física e retomada por Fichant, na reflexão sobre os efeitos da teoria saussuriana no quadro de investigação das línguas. Apesar de, numa primeira instância, tais noções darem conta da força do pensamento de Saussure em relação à Gramática Comparada e à Linguística Histórica, ela se mostrou, ao longo de quatro décadas de estudo, de difícil aplicação no âmbito dos estudos linguísticos.

Uma primeira razão para isso, de ordem prática, é a própria natureza do livro considerado o fundador da Linguística moderna, obra póstuma que reúne as ideias de Saussure, mas que não foi escrita por ele. Outra razão, de ordem teórica, é a dificuldade de evidenciar explicitamente o corte epistemológico, uma vez que Saussure parece alternar entre o teórico e o empírico, entre a sua novidade radical e os objetos de análise da Linguística de seu tempo.

Tais dificuldades, que apontam para o par continuidade e descontinuidade no pensamento de Saussure, incongruentes com as noções de corte e de ruptura, parecem ter levado Normand a abdicar da analogia, trazendo, como alternativa, termos como *mudança radical*, *novidade radical*, *mudança definitiva* e *nova epistemologia* para explicar a força epistemológica da Linguística saussuriana.

Tendo isso em vista, a partir deste estudo, foi possível observar como, ao longo de quatro décadas, Normand toma emprestada a noção de *corte*, procurando demonstrar como o *Curso de Linguística Geral* impõe uma mudança radical na história dos estudos linguísticos, mas, em seus últimos trabalhos, abdica dessa analogia. Apesar disso, ainda é bastante recorrente o uso da analogia do/da corte/ruptura na crítica especializada em Saussure, a qual

¹¹ Uma discussão a esse respeito pode ser acompanhada no trabalho *O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos*, de Silveira, publicado em 2011.

não parece se atentar ao fato de que a própria estudiosa abandonou o termo, seja pelas condições particulares de organização do livro póstumo seja pela dificuldade de evidenciar o corte, que, como tal, deveria ser explícito.

Assim, a partir do objetivo de buscar uma analogia mais produtiva para pensarmos a epistemologia saussuriana, propusemos, nesta investigação, um deslocamento das noções de *corte/ruptura* em direção à noção de *movimento* de Silveira, pesquisadora que, embora faça uso da noção de corte como analogia no estudo do fazer teórico de Saussure, apresenta outra analogia, que, para nós, tem compreendido os diferentes aspectos do processo de elaboração teórica do mestre genebrino.

Assim, parece-nos que a analogia do corte se mostra produtiva apenas quando tomada como uma face do movimento saussuriano, dentre outras possíveis, tendo em vista que, a nosso ver, se há cortes, há também continuidade, instaurada, sobretudo, na utilização dos elementos empíricos oferecidos pela Gramática Comparada, o que impõe a coexistência de posicionamentos epistemológicos distintos. É desse modo que a analogia do corte ou da ruptura, nos termos da Física, parece apresentar limites quando se trata do pensamento saussuriano, uma vez que contempla apenas as descontinuidades, ignorando aquilo que permanece.

Tomar a teoria que culminou na fundação da Linguística pela edição do CLG, de acordo com Silveira (2007), como produto do movimento de Saussure, bem como o processo dessa elaboração teórica requer considerar que, se há cortes, estes não se dão de maneira definitiva, mas são marcados por um caráter paulatino.

Nesse sentido, concordamos com Silveira (2007) ao afirmar que, se dermos um passo atrás e observarmos o movimento de Saussure, isto é, seu percurso de elaboração teórica, é possível notarmos cortes pontuais que, ao mesmo tempo que instauram quebras com o conhecimento linguístico do final do século XIX, não são capazes de instaurar uma separação abrupta relativa à Gramática Comparada, uma vez que Saussure parte dela para propor uma Linguística geral.

Referências

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966].

BENVENISTE, E. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. In: *Cahier Ferdinand de Saussure*, v.32, n. 1, p. 89-130, 1964.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1969.

NORMAND, C. La coupure saussurienne. *Linx*, n. 7, p. 219-231, 1995.

NORMAND, C. Comment faire l'histoire de la linguistique. *Linx*, n. 2, p. 271-288, 1980.

NORMAND, C. *Saussure*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

NORMAND, C. Proposições e notas para uma leitura de Ferdinand de Saussure. In: FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.). *Convite à linguística*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009 [1970]. 204 p.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 11-30.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução de De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: *Papiers Ferdinand de Saussure*, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1893-1894?.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*: Edition critique prepare pour Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1986 [1973].

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. 2003. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. M. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: SILVEIRA, E. M. (Org.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: Ed. EDUFU, 2011. p. 47-56.

SILVEIRA, E. M. *A aventura de Saussure*. Campinas: Editora da Abralín, 2022.

Recebido em: 02/04/2023.

Aceito em: 18/07/2023.